O MESTIÇO COMO SÍMBOLO NACIONAL: UM ESTUDO COMPARATIVO DO PENSAMENTO DE JOSÉ VASCONCELOS E PAULO PRADO

Luciana Maria de Moura Melo
lucianahistory@gmail.com
Mestranda – PUC Goiás

Resumo: O presente artigo objetiva mostrar como os autores José Vasconcelos e Paulo Prado Junior, embora falassem de localidades diferentes, inauguram uma nova maneira de pensar a formação da nação**.** Partindo do pressuposto de que a identidade é algo em formação, ou seja, não é um fato em si, mas em construção, como podemos pensar o papel do mestiço na construção dessa identidade? De que modo José Vasconcelos e Paulo Prado interpretaram e discutiram os vários momentos na construção da identidade nacional? Como ambos os autores expõem em suas obras "*La Raza Cósmica"* e "*Retrato do Brasil"* a relação dos acontecimentos passados com o mestiço e a formação da identidade latino-americana? De que maneira entendem a formação de uma nação com diferentes culturas?

Palavras-chave: Mestiço – Identidade – Nação

A mudança rápida do tempo nos leva a uma desesperada busca ao passado, às vezes de maneira superficial. Então, faze-se necessário ter prudência ao encontrar lugares de memória onde as nações constroem representações da história, pois estes espaços muitas vezes são bastante parciais.

Desse modo, a História investiga na memória ou nas fontes escritas, um meio para explicar os acontecimentos. Para Frank Ankersmit (2004), cabe ao historiador organizar conceitos enquanto essências históricas, pois na história, a linguagem adquire forma própria e o conceito de mestiço perpassa a reflexão intelectual tanto do México quanto do Brasil.

O historiador buscará em suas narrativas discutir as utilizações do passado, mostrando através da teoria, elementos para a compreensão de uma nova História. Portanto, a História não tem um caráter cognitivo, como defende Ankersmit, é uma proposta de como se deve olhar o passado para fazer reflexões no presente. Entende-se então que, o tempo e a história são vistos como tensão entre o passado

e futuro, já que passado e presente se juntam em sintonia recíproca, percebendo-se a dimensão temporal (KOSELLECK, 2006).

O presente artigo, busca na “historia dos conceitos”, suporte para compreensão de um novo olhar em relação às questões referentes ao processo de mestiçagem e suas influências na formação da identidade nacional latino-americano. Investiga também como o mestiço teve sua identidade construída na colonização do México e Brasil. Busco focar as seguintes questões: Que fatores ocorreram para que o mestiço não tenha sido valorizado pelos intelectuais nas décadas de 1920 e 1930? Qual seria a representação do mestiço na sociedade mexicana e brasileira nos anos de 1920 e 1930? Como José Vasconcelos e Paulo Prado incorporam o mestiço em suas obras *La Raza Cósmica* (1925) e *Retrato do Brasil* (1928)? Se as obras de ambos os autores, publicadas em 1925 e 1928, foram construídas a partir de um modelo colonial mestiço, como podemos pensar a identidade nacional projetada nestas obras?

Hoje, ao buscar um norte para pesquisas relacionadas aos contextos voltados para a formação identitária de um povo, é preciso procurar em sua produção historiográfica, explicações possíveis para a diversidade cultural existente, para sua formação social, o que nos remete a História Cultural. Quanto a esses argumentos, Chartier ressalta que

> [...] a nova história cultural encontra modelos de inteligibilidade em vizinhos que até aí os historiadores tinham freqüentado pouco: de um lado os antropólogos; e do outro, os críticos literários. As antigas alianças, estabelecidas entre a história e as disciplinas amigas ou rivais, como eram a geografia, a psicologia ou a sociologia, sucederam-se assim novas proximidades que obrigaram os historiadores a ler de maneira menos diretamente documental os textos ou as imagens e a compreender nos seus significados simbólicos os comportamentos individuais ou ritos coletivos (CHARTIER, 2006, p.29).

Portanto não se pode romper com o passado, é preciso buscar entender os fatos e acontecimentos para explicar e dar sentido ao presente, fazendo uma ligação ou um elo que irá nortear o trabalho do historiador.

Nação, nacionalidade e história

Já no final do século XIX, o pensamento voltado para a formação da identidade começava a surgir. Buscava-se entender o conceito de nação, a formação identitária de um povo. Ernest Renan, em 1882, fazia o seguinte questionamento: “o que é uma nação afinal?”, em texto hoje clássico[1], ele dizia ainda: Por que é a Holanda uma nação, e não são o Hanover e o Grão-Ducado de Parma? Como a França continua a ser uma nação onde o princípio de que o criou está desaparecido? Por que a Suíça fala três línguas, têm duas religiões e três ou quatro corridas, é uma nação, enquanto Toscana, por exemplo, que é tão homogêneo, não um por si? Por que a Áustria é um Estado e não uma nação? Qual é a diferença entre o princípio da nacionalidade do princípio das raças?

Hobsbawm (1982), dirá que, certamente os ingleses sabiam o que era ser inglês, os franceses, alemães ou russos certamente não tinham dúvida do que fosse sua identidade coletiva, identidade esta que tinha como elementos básicos a cultura comum, composição étnica e principalmente a língua comum como elemento fundamental.

Já Benedict Anderson (1989) define a nação como sendo “Uma comunidade política imaginada”. Para ele, ela é imaginada porque nem os membros das menores nações conhecerão a maioria de seus compatriotas, embora esteja viva a noção de comunhão. Procura-se então através da Nova História e de suas interpretações, entender o sentido dos acontecimentos históricos direcionados ao mestiço e sua influência na formação da identidade nacional.

O presente argumento nos remete ao passado teórico e histórico que permeou o final do século XVIII e o inicio do século XIX**,** período marcado por movimentos denominados como *“o Romantismo e a Ilustração”* (FALCON, 1997). Segundo o autor, a concepção de História acentuava ainda mais a importância da política, que nos remete ao entendimento de um conjunto de movimentos contemporâneos tanto da Revolução Francesa e das guerras, quanto das chamadas revoluções liberais e nacionais da primeira metade do século XIX, assumindo aspectos variados conforme o cenário de cada país.

---

1 - Conferência pronunciada en la Sorbona, el 11 de marzo de 1882. En: Ernest Renán, ¿Qué es una nación? Cristianismo y judaísmo. Contemporáneos ilustres. Consejos del sabio. Editorial Elevación, Buenos Aires, 1947. Primera parte, pp. 23-42.

Ao longo das três primeiras décadas do século XIX, manteve-se quase inalterada a dominação da escola metódica ou positivista. Foram, no entanto, décadas de censuras e agressões, partidos de inúmeras posições intelectuais, as quais Hughes (1967) chamou, em conjunto, de *revolta antipositivista* nas ciências humanas.

O impacto da modernidade na América Latina

Os anos de 1920 foram bastante ricos do ponto de vista cultural. Eram os anos do pós-guerra, e a Europa celebrava o retorno à felicidade dos primeiros anos do século. Não por acaso, a efervescência intelectual fez com que surgissem várias intenções artísticas. A arte moderna nasceu dessas várias tendências, e se espalhou pelo mundo inteiro. Sua influência estendeu-se inclusive ao Brasil, através da aceitação crítica que os modernistas de 22 fizeram dos chamados "*ismos"* europeus (Futurismo, Expressionismo, Cubismo).

Nesse mesmo período, uma grave crise econômica foi deflagrada pela quebra na bolsa de New York em 1929. Eric Hobsbawm (1995) nos mostra que esse colapso nos EUA, afetou os índices econômicos em todos os países ocidentais.

> [...] á medida em que a Guerra Fria se estendia, abria-se um crescente fosso entre a dominação esmagadora militar e, portanto política, que Washington exercia na aliança e o enfraquecimento da predominância econômica dos EUA. O peso econômico da economia mundial passava dos EUA para as economias européias e japonesas, as quais os EUA julgavam ter salvado e reconstruído. O dólar moeda-chave da economia mundial do pós-guerra planejada e garantida pelos EUA enfraqueceu (HOBSBAWM, 1995, p.238).

Todos sofreram em alguma medida as conseqüências do desastre financeiro norte-americano. Os países europeus que mais se ressentiram dessa crise, foram aqueles já atingidos pela derrota na Primeira Guerra, neles, começam a ganhar corpo doutrinas totalitárias e salvacionistas. O nazismo alemão e o fascismo italiano conseguiram espaço político cada vez maior ao longo da década de 30.

Na América Latina, o grande problema era procurar compreender o desenvolvimento das ideias sobre uma região cuja população era marcadamente pobre, de formação católica, amplamente miscigenada e com sérios problemas de

saúde pública (STEPAN, 2005). Segundo a autora, os eugenistas latino-americanos encontraram em seu discurso uma ferramenta poderosa para auxiliar no processo de reforma social e de aperfeiçoamento da nacionalidade, liderado por intelectuais de diversas matrizes.

Neste mesmo período, a América Latina foi palco de conflitos sociais e políticos relevantes, destacamos a Revolução Mexicana, que segundo Otávio Paz (1987), é um exemplo de movimento que alterou toda a estrutura social, econômica e política do México. O fato é que o México viveu um desenvolvimento econômico e processo de modernização sem precedentes, ainda que não fosse por si só, suficientes para promover novas relações de produção, pois a grande maioria da população mexicana exercia atividades no campo. Camilo de Melo Vasconcelos (2005) se utiliza do muralismo artístico para mostrar os conflitos no México. Segundo o autor

> A Revolução Mexicana, em oposição ao velho regime e as "aristocracias" no poder, engendrou uma nova ordem política que se refletiu também na questão cultural. A cultura tinha que se reconstituir se renovar, assumir uma nova orientação, mais condizente com os princípios e os objetivos revolucionários, levando conseqüentemente a um processo de nacionalização da cultura na qual a pintura mural mexicana encontrou seu proeminente lugar (VASCONCELOS, 2005, p. 288-289).

A Revolução Mexicana alcançou grande repercussão na imprensa mexicana, latino-americana, norte-americana e brasileira, (BARBOSA, 2007). Pode-se dizer que a Revolução Mexicana, em termos proporcionais, obteve a mesma repercussão em nosso continente na primeira metade do século XX que a Revolução Cubana na segunda metade.

Ocorreu também em vários países, a criação de partidos comunistas, movimentos operários e estudantis de grande porte, além de movimentos nacionalistas de esquerda e de extrema direita. Os reflexos nos meios artísticos e intelectuais da sociedade mexicana foram enormes, sendo amplamente registrado pela literatura, pelo cinema, pela fotografia e pelas artes plásticas, como afirmou Otávio Paz (1992), a *"Revolução Mexicana é um fato que irrompe em nossa história como uma verdadeira revelação do nosso ser".*

Entre a década de 1920 e 1930, os dilemas e o pessimismo existente no século XIX deslocam-se para um relativo otimismo em relação à inovação e

singularidade da miscigenação. O discurso culturalista encontrou solo fértil para seu florescimento na América Latina no que se refere a “mestiçagem”. Entre os novos horizontes interpretativos da cultura latino-americana, a partir de 1920, encontrarmos-se a antropofagia brasileira na década de 1920 e a “raça cósmica”, utopia tropicalista do mexicano José Vasconcelos (1925).

Estabelecer elementos comparativos entre o Brasil com os demais países da América Latina, sempre representa um desafio, na medida em que a história de cada país latino-americano caminha paralelamente. Há situações bastante semelhantes na colonização ibérica, processos aproximados como a independência política, a formação dos Estados Nacionais, a predominância inglesa e depois a norte-americana, para ficar nas temáticas tradicionais.

Entretanto em vez de manter os olhos voltados para a Europa, é mais produtivo para o historiador, olhar a tragédia percorrida pelo Brasil ao lado dos outros países latino-americano. Contudo, de um modo geral, dentro ou fora do Brasil, à produção sobre história comparada é pequena, porém, intermitente.

A busca de novas formas de identidade nacional e regional na América Latina dos anos de 1920 foi à tentativa de compreensão das transformações da época e dos desafios que elas colocavam para os que, se sentiam responsáveis pelo destino do mundo em que vivia. José Vasconcelos que associou elementos de sua história pessoal com os da história nacional mexicana e a América Latina, concebendo a mestiçagem como a mescla racial e étnica, vislumbrou uma raça mestiça, uma mescla de raças, uma raça de cor, a primeira raça única do planeta.

O desafio racial

Para Anzáldua (1961), José Vasconcelos escreveu em sua obra que ocorreria o surgimento de uma quinta raça, abarcando as quatro raças principais do mundo, em oposição à teoria da raça ariana pura, e à política de pureza racial exercida pela América branca.

Na obra *La Raza Cósmica*, a confluência de duas ou mais cadeias genéticas, as distintas raças do mundo tendem a mesclarem-se cada vez mais, até formar um novo tipo humano composto com a seleção de cada um dos povos existentes. Essa mistura de raças, em vez de resultar em um ser inferior, geraria uma descendência

híbrida, uma espécie mutável, mais flexível com uma rica carga genética. A partir dessa mistura racial, ideológica, cultural e biológica, outra consciência estava em formação, uma nova consciência mestiça.

> Os dias dos brancos puros, os vencedores de hoje, estão tão contados como o estiveram os de seus antecessores. Ao cumprir seu destino de mecanizar o mundo, eles mesmos puseram, sem sabê-lo, as bases de um período novo, o período da fusão e a mescla de todos os povos. O índio não tem outra porta para o futuro que a porta da cultura moderna, nem outro caminho que o caminho já capinado da civilização latina. Também o branco terá que depor seu orgulho, e procurará progresso e redenção posterior na alma de seus irmãos das outras castas, confundir-se-á e aperfeiçoar-se-á em cada uma das variedades superiores da espécie, em cada uma das modalidades que tornam múltiplo a revelação e mais poderoso o gênio. (VASCONCELOS, 1925).

Para José Vasconcelos, a raça cósmica é uma maneira de compreender as quatro raças principais do mundo. Em oposição à teoria da raça ariana pura, e à política de pureza racial praticada pela América branca, sua teoria é de inclusão, aqui o mestiço teria um valor significativo na formação da nação latino-america, ele deixaria de ser um “homem” insignificante, pertencente a uma raça única na América Latina.

A mestiçagem para Vasconcelos é vista como algo extraordinário, uma ideologia em que resultaria em uma quinta raça, “cósmica”.

No Brasil, Capistrano de Abreu (1907) se tornou um dos iniciadores que redescobrirá o país, valorizando seu povo. Atribuirá a este povo a condição de sujeito de sua própria história identitária, ele também apresenta um novo conceito de raça, que é substituído por cultura. Capistrano é antecessor de Paulo Prado, assim como de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Dentre as obras que interpretam o Brasil, não há como negar a importância da obra de Paulo Prado *“Retrato do Brasil”* (1928) na historiografia brasileira, principalmente no que se refere aos estudos relacionados à mestiçagem, diferente de José Vasconcelos, para Paulo Prado essa mistura de etnias não é tão bem vista, o mestiço é um “ser” inferior, melancólico e triste, ele contesta as falácias românticas, mostra que o mestiço é um homem sofrido.

Paulo Prado ressalta como se deu a mescla dos vários povos que estiveram presentes no Brasil no início de sua colonização. O autor destaca ainda que, “o Brasil é formado por um povo melancólico”, de abusos constantes e o desânimo dos

que vivem na ideia fixa do enriquecimento distraído, por causa das paixões insaciáveis, paixões que não conhecem limites, viver instintivo do homem, mas que aqui se desenvolveram de uma origem patogênica provocada sem dúvida pela ausência de sentimentos afetivos. Inicialmente trata da luxúria dos colonizadores no contato livre com o indígena e o negro. O autor diz

> Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram. O esplendor dinamismo dessa gente rude obedecia a dois impulsos que dominam toda a psicologia da descoberta e nunca foram geradores de alegria: a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene que, como culto, a Renascença ressuscitar (PRADO, 1997, p.53).

Podemos entender então que, o discurso de valorização de cultura mestiça posta por José Vasconcelos em *La Raza Cósmica* (1925), em *Retrato do Brasil* (1928) Paulo Prado mostra a controversa para a formação identitaria nacional. A mestiçagem é a consequência de um encontro conflitante sem nenhuma alteridade entre os povos, e o “mestiço” é a conseqüência dessa miscigenação.

Se, Retrato do Brasil está definitivamente incorporado à história do pensamento brasileiro, não há como negar-lhe importância na formação da consciência política dos intelectuais modernistas, não se pode deixar de ressaltar que, na totalidade mostrada pela obra de José Vasconcelos, Paulo Prado em seu pensamento demonstra controversas nos anos de 1920 e 1930.

Sua própria natureza polêmica indicou o caminho da reflexão e do debate acerca da realidade nacional. Daí sua poderosa contribuição aos estudos brasileiros, a ponto de constituir até hoje leitura indispensável aos estudiosos e críticos da nacionalidade.

No entanto, tal como aconteceu no Brasil, para muitos intelectuais, a miscigenação configurou-se sempre como uma mitologia fundadora das novas nações latino-americanas que trazia na identidade nacional mestiça a superação da desigualdade racial, étnica e cultural de sua formação. E, em todas essas construções, a existência de índios e negros foi progressivamente apagada ou, no mínimo, dissolvida. Segundo José Carlos Reis (2007) Capistrano de Abreu, também fez uma análise do Brasil e do povo brasileiro que, pode ser colocada como fundamento de um discurso de construção de uma nova identidade, essa fala se deu

através da “redescoberta do Brasil” valorizando o seu povo, as suas lutas, os seus costumes, a miscigenação, o clima tropical e a natureza brasileira.

A mestiçagem: uma mitologia nacional?

Não se trata da releitura a partir do que conscientemente sugerem, mas antes de trazer à tona símbolos encontrados no fundo dos textos e de propor, a partir de vocábulos que neles se repetem, uma nova e fragmentada significativa e análise do que poderia ter sido o processo de formação da identidade mexicana e brasileira, faze-se necessário uma análise do que Derrida (QUADROS, 2009) chamaria de paleonomia. Alguns dos vocábulos destacados aproximam os dois textos, outros os distanciam.

A ideologia da mestiçagem foi um traço comum na construção da identidade nacional dos países latino-americanos. Percebe-se então que as categorias e representações do mestiço devem ser investigadas como meio social não generalizando a sociedade e assim relativizando sua busca cultural de vida, buscar mostrar como esse “ser” é representado na nação.

Quanto a essa análise François Dosse destaca

> Tanto os mecanismos da memória, em sua complexidade, quanto à análise histórica, em sua linguagem equívoca, remetem às dificuldades do dizer e têm, há muito tempo, suscitado pelo nível histórico. Para pensar as relações entre memória e história, é preciso, de início, dissociar esses dois planos para apreender, num segundo momento, as interrelações. (DOSSE, 2003, p.261).

Cabe então ao historiador, refletir e entender as relações e dar significados a elas, chegando a uma hipótese explicativa, sendo esta uma ação pragmática, que ocorre como uma ação ou agir das pessoas na História.

Sendo estes argumentos contundentes para uma reflexão e análise crítica do pensamento de José Vasconcelos e Paulo Prado, é possível pensar no mestiço como sendo símbolo da nacionalidade mexicana e brasileira a partir de *La Raza Cósmica e Retrato do Brasil, pois, nestas* obras, eles vão buscar justificar ou recuperar o dinamismo do que possa ter sido o processo de mestiçagem que levou a formação da identidade nacional, mostrando a sociedade mexicana e brasileira nos

seus primórdios, sendo estas, vistas como uma grande série de unidades distintas, mesmo que ambos os autores tivessem pensamentos diferentes.

Vasconcelos e Paulo Prado mostram uma confluência plural, amplamente relacional, que viveu e se nutriu do contato de uma relação duradoura, de influência típica, onde o contato tanto físico como cultural muito contribuiu para a formação étnica do povo mexicano e brasileiro, tendo em vista que, para Vasconcelos essa relação iria bem além, levaria a formação de uma quinta raça em que se fundiriam todos os povos.

A partir de *La Raza Cósmica e Retrato do Brasil*, verificamos o dinamismo da construção da identidade nacional fundamentado no ideário de que, o mestiço tenha se tornado um símbolo para esse processo de formação.

Buscamos assim, compreender melhor o pluralismo ou a diversidade cultural introduzida nas sociedades mexicana e brasileira, desde sua colonização, e que, com certeza, está presente em nossa formação cultural contemporânea, pois percebemos que, a identidade se relaciona a aspectos diferenciados, estando esta em constante mudança, pois não existe uma identidade essencialmente pronta, para Homi K. Bhabha (2003), ela está sempre em transformação, em construção, que constrói e reconstrói constantemente numa espécie de “Fixidez Deslizante” [2].

O que podemos perceber é que o debate identitário latino-americano norteado por pressupostos híbridos é um diálogo até então inerme, entre historiadores dos distintos países latino-americanos. Esse diálogo implica na identificação das mesmas dificuldade e soluções, e, do mesmo espírito de nacionalismo crítico que rege publicações de equívocos que impedem o progresso do homem na sociedade. O hibridismo é um acontecimento histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando esses resultam em contatos permanentes entre grupos distintos.

Para Bhabha (2003), o hibridismo aborda questões a partir da perspectiva da linguagem e da identidade, ele ressalva ainda que, em termos de representação do colonizado, qualquer imagem, seja ela feita pelo colonizado ou pelo colonizador, é híbrida, isto é, haverá traços de outros discursos à sua volta que num jogo de

2 – Este conceito “Fixidez Deslizante” é de HOMI K. BHABHA, e se refere à manutenção Constante da identidade, semelhante a uma âncora de um navio que cai no banco de areia, segura o navio, mas está se deslizando com a areia (BHABHA, HOMI K. *O local da Cultura.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003).

diferenças e referencias que impossibilita a avaliação pura e simples de uma representação como sendo mais autentica ou mais complexa do que outra.

Lynn Mario T. Menezes de Souza (2004) diz que o hibridismo para Bhabha está implícito no aspecto relacional e dialógico que marca a sua teorização e aparece claramente em seu conceito de mímica, se tratando de uma estratégia que procura se apropriar e se apoderar do “Outro”, e é visível tanto para o colonizador quanto para o colonizado, isso resulta naquilo que Fanon (1986) chama de “sonho de inversão”, no qual o colonizado sonha em um dia ocupar o lugar do colonizador. Souza argumenta ainda que o colonizador sonhasse atemorizado e de forma paranóica, com a ameaça de perder seu lugar de privilegio para o colonizado.

Articulamos isso pelo fato de que, a discussão iniciada sobre o mestiço e a formação da identidade nacional está longe de ser conclusiva, não somente por que não existe pensamento conclusivo, mas, porque são conceitos iniciais com as quais os próprios autores, José Vasconcelos e Paulo Prado se depararam.

Cleiton Ricardo das Neves[3] ainda diria que, o que podemos perceber é que o debate identitário latino-americano é um debate caloroso ao mesmo tempo denso, o qual necessita ainda de amplas discussões para se aproximarem as possibilidades de efetivação.

Concluímos então que, os autores José Vasconcelos Calderón e Paulo Prado, proferem argumentos voltados para o fato de pensar cada um a realidade de seu país, no qual o mestiço se fez presente. Por tanto, a ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas dúvidas das teorias racistas pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum e o que era mestiço tornam-se um símbolo da identidade nacional.

3 -NEVES, Cleiton Ricardo de. Discutindo Identidades: Manoel Bomfim e o Discurso Identitário Latino-americano. http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/15_CleitonNeves_DiscutindoIdentidades.pdf

Referencias Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional.* São Paulo: Ática, 1989.

ANKERSMIT,F. R. Historia y tropología. Ascenso y caínda de la metáfora; trad. De Ricardo Martín Ruiz. México: FCE, 2004.

ANZALDÚA Gloria*. La conciencia de la mestiza* / *rumo a uma nova consciência*. Rev. Estud. Fem. vol.13 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2005. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2005000300015&script=sci_arttext&tlng=en

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. 20 *de Novembro de 1910: a Revolução Mexicana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CAPISTRANO DE ABREU, João. *Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*. 5ª. ed. Brasília, UnB, 1963, 337p. (1ª ed. 1907).

DOSSE, François. *A história.* Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

FALCON, Francisco J. C. *"História das idéias"*, *in* Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.), *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro,Campus, 1997.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HUGHES, H. S. *Consciousness and Society. The Reorientation of European Social Thought, 1890-1930*. London/New York: Random House, 1961.

MOTTA, Romilda Costa. *José Vasconcelos: as Memórias de um "profeta rejeitado".* Dissertação de Mestrado, 2010.

www.teses.usp.br/...26042010.../ROMILDA_COSTA_MOTTA.
http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&q=romilda+costa+mota+memoria+de+um+profeta+rejeitado&btnG=Pesquisar&lr=&as_yl

NEVES, Cleiton Ricardo de. Discutindo Identidades: Manoel Bomfim e o Discurso Identitário Latino-americano.
http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/15_CleitonNeves_DiscutindoIdentidades.pdf

PAZ, Octávio. *"Pintura Mural e Revolução Mexicana"*. In *México en la obra de Octávio Paz. III Los princípios de la vista.* México: Fondo de Cultura Econômica, 1987.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. *Gramatologia e crítica histórica*. http://www.ufg.br./this2/upoads/files/113/gramatologia e crtica histórica PRONTO.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RENAN, Ernest. *Que es una nación?*. Cartas a Strauss. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da Tradução César Benjamin. – Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradição cultural em Bhabha. IN JUNIOR. Benjamin Abdala (org.). Margens da Cultura: ,mestiçagem , hibridismo & outros. São Paulo: Boitempo, 2004.

STEPAN, Nancy Leys. *"A hora da eugenia": raça, gênero e nação na América Latina.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

VASCONCELOS, Camilo de Melo. *As Representações das Lutas de Independência no México na ótica do muralismo: Diego Rivera e Juan O´Gorman*. Revista de História, 2005.
http://www.scribd.com/doc/2473603/RevistedeHistoria. 2005.
http://www.tiosam.net/enciclopedia/?q=IHGB

VASCONCELOS, José. Prólogo: *La Raza Cósmica: Misión de la raza iberoamericana*. Agencia Mundial de Lebreira, Madri, 1ª. ed. 1925:
_____IN: *La Raza Cósmica: Misión de la raza iberoamericana*, 16ª, ed. México, Espasa-Calpe, 1992.